

**Modernismo em palco. Propostas preliminares sobre o teatro experimental em *Sul***Ruben Souza<sup>1</sup>[rubensouzass@gmail.com](mailto:rubensouzass@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O periódico *Sul*, que circulou entre 1948 e 1957, de forma regular, constituiu-se na principal publicação do antigo Círculo de Arte Moderna de Florianópolis (CAM). Considerando tal proposição, este artigo tem por escopo analisar essa publicação – atualmente digitalizada e disponível online no Portal Catarina – e suas diversas matérias sobre o teatro em Florianópolis e alhures; bem como as inovações que o grupo de teatro do CAM promoveu no âmbito artístico de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Modernismo; *Jornal Sul*; Teatro; Círculo de Arte Moderna.

**Abstract:** *Sul*, published between 1948 and 1957 regularly, was the main publication of the Círculo de Arte Moderna de Florianópolis. Considering this proposition this article aims to analyze this magazine – currently in virtual domain – and its various articles on theater in Florianópolis and elsewhere; as well as the innovations that the CAM's theater group promoted in Santa Catarina's artistic scenario.

**Keywords:** Modernismo; *Jornal Sul*; Theater; Círculo de Arte Moderna.

Em janeiro de 1948, um grupo de jovens autores, escritores, ensaístas, poetas e entusiastas das letras e das artes publicam o primeiro número de *Sul*, periódico porta-voz destes jovens reunidos no Círculo de Arte Moderna de Florianópolis. Nele destacaram-se sobretudo Eglê Malheiros, Salim Miguel, Ody Fraga e Silva, Aníbal Nunes Pires e Walmor Cardoso da Silva, sendo estes presença marcante em todos os números da revista, com publicações em prosa, poesia, cinema, teatro – que será abordada neste texto – e em muitas outras expressões artísticas. Além deles, também integraram o grupo Antonio Paladino, Élio Ballstaedt, Archibaldo Cabral Neves, Pedro Taulois, Hamilton Ferreira, Cláudio Bousfield Vieira, e muitos outros<sup>2</sup>.

*Sul* era, antes de mais, uma revista voltada para os chamados ‘valores novos’, e para a difusão do ‘moderno’ e seus cânones “no campo da filosofia, da ciência, da cultura e, principalmente, das letras e das artes”.<sup>3</sup> *Sul* representaria ainda a construção de pontes entre

1 Acadêmico do curso de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

2 MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Florianópolis: Edição da Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958, p. 127.

3 Aníbal Nunes Pires, no editorial de *Sul*, Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, Ano I, número I, Florianópolis, janeiro de 1948. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.



Florianópolis e os centros urbanos brasileiros, mas também uma ponte com a África.<sup>4</sup> Já na década de 1940, jornais de cariz moderno como a *Folha da Juventude* e o *Cicuta* vieram a solapar os cânones (notadamente literários) na Ilha de Santa Catarina, e faziam oposição às gerações anteriores de escritores em Florianópolis, principalmente a geração anterior, conhecida como ‘Geração da Academia’<sup>5</sup>. Para Lina Leal Sabino, o florescimento das letras em Florianópolis deu-se de forma lenta e, em certa medida anacrônica, de forma que grande parte dos movimentos literários que consideramos nacionais (a saber, realismo, modernismo, etc.) não encontraram lugar imediato entre os intelectuais ilhéus. Quando um dos principais movimentos literários brasileiros floresceu nos grandes centros urbanos (o movimento modernista na década de 1920), em Florianópolis se ouviu o silêncio para os ideais ‘novos’ de que falou Aníbal Nunes Pires 20 anos depois<sup>6</sup>.

Nesta mesma década, um grupo de alunos do Ginásio Catarinense resolveu movimentar as letras em Florianópolis<sup>7</sup>. As leituras a que tem acesso, seus gostos pessoais e a condição de Florianópolis então direciona-os para a criação de uma Academia literária e composição de sonetos de métrica precisa, enquanto em São Paulo, ‘Os sapos’, de Manuel Bandeira, ironiza o parnasianismo. A Paulicéia Desvairada, de Mário de Andrade, as pinturas de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti não agradam a geração de literatos reunida em torno na Sociedade Catarinense<sup>8</sup>. Em 26 de janeiro de 1924, Graça Aranha vem à Florianópolis e recebe Altino Flores e Othon d’Eça, dois membros da Sociedade. Presenteia-os com o livro *La Bête Conquérante*, com a seguinte dedicatória: “A Altino Flores, pela arte moderna com muita esperança”.<sup>9</sup> A participação do autor de *Canaã* na semana de Arte Moderna era sabida, mas, apesar do esforço, a modernidade das artes não prosperou em Florianópolis nas décadas que se seguiram. O movimento modernista do início do século XX não encontrou em Florianópolis uma intelectualidade disposta a romper com os paradigmas da antiga literatura corrente no Brasil.

4 CORREA, Sílvio M. de S. Conexão Sul: contributo africano para o modernismo sul brasileiro. In: \_\_\_\_\_; PAULA, Simoni Mendes de. *Nossa África*. São Leopoldo: Oikos, 2016, pp. 15-30; MACEDO, Tânia. A revista Sul e o diálogo literário entre Brasil e Angola. In: \_\_\_\_\_. *Angola e Brasil*. Estudos Comparados. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

5 A “Geração da Academia”, como ficou conhecida, foi responsável pela fundação da antiga Sociedade Catarinense de Letras, hodiernamente denominada Academia Catarinense de Letras.

6 Conforme: SABINO, Lina Leal. O Grupo Sul na literatura catarinense. *Travessia*, v. 4, n. 10, p. 15-24, Florianópolis, 1985.

7 Alguns nomes da Geração da Academia: José Boiteux, Altino Flores, Barreiros Filho, Othon d’Eça.

8 SABINO, 1985, *op. cit.*, p. 19.

9 Lina Leal Sabino comenta brevemente da passagem de Graça Aranha por Florianópolis. In: SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 4.



## Modernidade e urbanismo

É mister, antes de mais, que consideremos o cenário cultural que se desenhava em Florianópolis e, outrossim, sua condição em relação ao que ocorria em outras regiões do Brasil. Aliás, dentro da historiografia brasileira, são correntes os estudos sobre urbanização e realocação do espaço urbano, pensando sobretudo no início do século XX, na república nascente, principalmente com relação às reformas urbanas que se destacaram em alguns espaços das cidades do Brasil. As famosas reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro, ou a profusão de fábricas e o movimento operário urbano em São Paulo são alguns temas que lograram maior atenção da historiografia<sup>10</sup>. Em Florianópolis, contudo, não existem muitos estudos sobre a urbanização no período e menos ainda, seguindo uma tendência historiográfica, sobre o desenvolvimentismo que tomou o imaginário urbano do Brasil nos anos 1950, estimulado em grande medida pela abertura de estradas, crescimento do mercado imobiliário e investimentos capitalistas de grande porte.

Contudo, em Florianópolis, podemos inferir que a sensação que se experimentava era muito distinta do que se vivia em grandes centros urbanos. Osmar Silva, por exemplo, em seu livro *Coquetel de Crônicas*, comenta que Florianópolis estava “distante, muito distante do progresso que se alardeia por aí! É, quando muito, uma caricatura... Uma pálida caricatura de cidade grande”<sup>11</sup>. Evidentemente que tal imagem pessimista é, em maior grau, um reflexo da sensação de estagnação que Florianópolis experimentava e que, ao mesmo tempo, contrapunha-se com a relativa popularização do ideário desenvolvimentista, estimulado em grande medida pela inauguração de Brasília. Para Reinaldo Lindolfo Lohn<sup>12</sup>, a ‘esperança’ do contato com planos urbanos mais modernizantes também passava pela mídia ainda germinal que começava a nascer, com anúncio de marcas automobilísticas, e da Transportes Aéreos

---

10 Sobre o urbanismo brasileiro no século XX, ver BENCHIMOL, J. *Pereira Passos: um Hausmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992; AZEVEDO, André Nunes de. *Da monarquia à república: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. Tese (Doutorado em História), PUC-Rio, 2003; CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001; NEDEEL, Jeffrey. *Belle époque tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993; PEREIRA, Sônia Gomes. *A reforma urbana de Pereira Passos e a construção da identidade carioca*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1992; LORENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

11 SILVA, Osmar. Florianópolis em preto e branco. In: SILVA, Osmar. *Coquetel de crônicas*. Florianópolis: ed. do autor, 1962, p. 25.

12 LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Limites da utopia. Cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2007, vol. 27, n° 53, p. 298-322.



Catarinense (TAC), uma subsidiária da Cruzeiro do Sul, que previa grandes investimentos em Santa Catarina. Como comenta, ainda, surgia a “entrada em cena de uma nova possibilidade de investimentos de capitais (...)”<sup>13</sup>. Logo, é possível inferir que a mídia entrou em cena como veículo importante de difusão. Neste quadro midiático, a revista *Sul* inseriu-se, valendo-se dele como mecanismo de sustento para suas publicações, para além das assinaturas.

É comum encontrar, nas páginas de anúncios ao final de cada edição do periódico *Sul*, anúncios da Transportes Aéreos Catarinense e de Construtoras e Imobiliárias, denotando um possível recrudescimento do mercado de imóveis na cidade e o surgimento de construtoras para realização de ‘grandes obras’ de urbanismo, planejadas na década de 1950 em torno do primeiro Plano Diretor, que começou a ser elaborado em 1952. Neste cenário, a revista *Sul* também transforma a urbe florianopolitana, buscando abalar os cânones ainda conservadores do plano artístico e cultural da cidade. Em suas páginas de anúncio, auxilia na difusão do ideal de transformação do espaço urbano. Em suas páginas literárias, salas de cinema e palcos teatrais, buscam transformar a arte insular e trazer a modernidade cultural. Entretanto, os dois projetos não foram encarados de igual forma.

Figura I: Anúncio da Transportes Aéreos Catarinense SA., subsidiária da Cruzeiro do Sul, no ano de 1954



Fonte: *Sul*: Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, ano VII, número 23, dezembro de 1954, Florianópolis. Disponível em: <portalcatarina.ufsc.br>. Acesso em: 25 jun. 2016.

13 Idem, p. 302.



Figura II: Anúncio da Arteca Construtora e Imobiliária, de 1954



Fonte: *Sul*: Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, ano VII, número 23, dezembro de 1954, Florianópolis. Disponível em: <portalcatarina.ufsc.br>. Acesso em: 25 jun. 2016.

Os anúncios que começaram a ser publicados na *Sul* compõem uma porção de um afã desenvolvimentista que, em meio a páginas repletas de assuntos e serviços de expressão local, demonstram que existe um grupo de pessoas empenhado em uma primeira tentativa de transformar o cenário urbano e comercial da região, com investimentos de grande porte. Reinaldo Lindolfo Lohn comenta ainda sobre as propagandas que circulavam em Florianópolis, a persistência por um padrão estadunidense de enxergar o desenvolvimento, bem como o papel da mulher na sociedade. Segundo ele:

Nesse mercado de bens simbólicos, a introdução de um modo de vida baseado em alguns aspectos da cultura norte-americana ganhava destaque e permitia novas demandas de consumo: as páginas femininas dos jornais apresentavam a moda dos filmes de Hollywood e receitas de *marshmallows* para as donas de casa<sup>14</sup>.

Em *Sul*, podemos ver algumas das propagandas da Transportes Aéreos Catarinense S/A., e outras empresas de construção urbana que começavam a chegar ainda que timidamente na capital de Santa Catarina. Logo, se *grosso modo* não podemos incluir Florianópolis no circuito modernizante das grandes cidades, existiam por aqui aqueles empenhados em promover o desenvolvimento do capitalismo moderno na região. Os anúncios denotam ainda que se construía uma sinonímia entre progresso, felicidade, e destino<sup>15</sup>. A

14 LOHN, 2007, *op. cit.*, p. 304.

15 LOHN, 2007, *op. cit.*, p. 303.

‘felicidade’ presente na arte gráfica da TAC associa o prazer de viajar de avião à condição ‘moderna’ que a propicia.

### **Teatro *Sul*, uma ponte intelectual**

O Grupo *Sul* manteve, entre 08 de maio de 1949 e 28 de maio de 1950, no jornal *O Estado de Santa Catarina*, uma página literária, cedida pelo diretor do jornal, Dr. Rubens de Arruda Ramos, onde publicavam, dominicalmente, poemas e outras notícias de caráter literário:

No jornal *O Estado*, o Círculo de Arte Moderna vem mantendo dominicalmente uma página literária. Que nos Esta página foi gentilmente cedida pelo Dr. Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal, apresenta sempre pequenos contos, crônicas, poemas, noticiário literário do Brasil, informações várias, críticas, ilustrações, etc<sup>16</sup>.

Entretanto, o desejo de organizar uma publicação periódica ficaria comprometido caso não se conseguisse os recursos necessários. Dessa forma, surge o Teatro de Câmera do Círculo de Arte Moderna, que se empenhou em organizar um espetáculo com o fito de angariar fundos para a produção do primeiro número da revista.

Para a ocasião, foram escolhidas três peças de um ato: *O homem da flor na boca*, de Luigi Pirandello, *Como ele mentiu ao lado dela*, de George Bernard Shaw e *Um homem sem paisagem*, de Ody Fraga e Silva, e o espetáculo foi realizado no Teatro Álvaro de Carvalho.<sup>17</sup> Em seu primeiro espetáculo, o Teatro experimental de *Sul* já demonstra a ambição de seus projetos, trazendo para Florianópolis dois grandes nomes das letras no mundo, e mescla-os com um escritor de expressão local, Ody Fraga. Aliás, na peça do jovem integrante do Círculo, publicada posteriormente no número 5 de *Sul*, já podemos perceber a ‘ousadia’ com que o Teatro de Câmera do grupo tinha se proposto a atuar:

Viver como principal móvel de uma existência, é uma bela filosofia. Mas porque não o faz realmente? Ser pura quando tiver vontade. Entregar-se ao primeiro homem que encontrar, quando isso lhe aprouver. O maior crime que praticamos contra nós mesmos é a simulação. Suportarmos uma ópera quando temos vontade de ouvir samba. Aturamos uma conferência sobre

16 Ver a coluna Notícias, item 5. *Sul*, Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, ano II, número 9, agosto de 1949, Florianópolis. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

17 SABINO, 1981, *op. cit.*, p. 37.



moral e religião com vontade de dizer palavrões. Não! Não pode ser assim. Temos necessidade de viver, mas devemos fazê-lo sinceramente. Sem artifícios, sem matarmos nosso eu para formar coro com a paisagem em que vivemos. Paisagem que não admitimos, mas aceitamos, pecando contra todo o princípio móvel do nosso ser<sup>18</sup>.

A peça, embora curta, e de apenas um ato, é consideravelmente ousada para os padrões da época. Assim como no campo das letras o Grupo Sul solapou visões de literatura, não era do hábito dos frequentadores do teatro, habituados a peças mais leves, portanto, de entretenimento<sup>19</sup>, assistir encenações que suscitassem a reflexão do eu, ou que levassem em conta a moral ou a religião como ‘a causa de nossa escravidão’, como o personagem Martell propõe. Seu teatro foi, de igual modo, inovador. As páginas da publicação periódica, em seus primeiros anos, estão repletas de artigos e experiências sobre o teatro em Florianópolis e em outras partes do mundo. No número 9, do ano II, um texto de Richard M. Morse, escrito especialmente para a *Sul*, com tradução de Archibaldo Cabral Neves, explana sobre o Teatro Experimental em New York. Para o autor, a expressão teatral da *Broadway* não poderia exprimir a complexidade e imbricamentos artísticos que só os Teatros experimentais podem trazer, libertos dos motivos financeiros, que estimulam a reação catártica de estratos sociais imutáveis que frequentavam à este espaço<sup>20</sup>.

A empolgação com o sucesso da primeira encenação (o primeiro volume da *Sul* saíra em janeiro de 1948) pode ser percebida nos primeiros números da publicação, em grande medida. São muitas as colunas dedicadas a produção teatral do Círculo e à produção internacional. Já no primeiro número da revista (financiado com o espetáculo supracitado), percebe-se o entusiasmo do grupo com a próxima produção. Na página 8, lê-se “Aguardem! *Um Taciturno*, três atos de Roger Martin du Gard”. Na página seguinte<sup>21</sup>, Ody Fraga e Silva dedica um texto à explicação de como procederia a montagem da peça e, prevendo a confusão do público em relação ao que se apresentava (ciente da condição em que se encontravam os expectadores em Florianópolis), prevenia: “Para os menos avisados e pouco experientes das

18 *Um homem sem paisagem*, peça em um ato de Ody Fraga e Silva, exibida em 1947, e publicada anos depois nas páginas da *Sul*, Florianópolis, ano I, número V, p. 12-13. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

19 “Fazem teatro, liderados neste setor por Ody Fraga. Teatro moderno, escandalizando o público acostumado às comédias e aos dramalhões”. In: SABINO, 1985, *op. cit.*, p. 20-21.

20 “Teatro experimental em Nova York”, texto de Richard M. Morse, com tradução de Archibaldo Cabral Neves, em *Sul*, ano II, número 9, Florianópolis, agosto de 1949. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

21 Na página 9, encontra-se o texto “A montagem de *Um Taciturno*”, escrito por Ody F. e S., *Sul*, ano I, número 1, Florianópolis, janeiro de 1948. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.



coisas da arte, poderá, o nosso espetáculo, parecer um conglomerado de loucos movendo-se e falando dentro de um imenso pandemônio”. E vaticinava que “iremos atingir um nível estético de real valor e a montagem da peça dará margem para a compreensão do tremendo subjetivismo do tema, como é o caso de *Um Taciturno*”. No segundo número, sairia ainda um artigo intitulado *Auto retrato de Roger Martin du Gard*, escrito por Pierre Descaves<sup>22</sup>.

Neste texto<sup>23</sup>, Ody Fraga explicita a ideia do Teatro do CAM, que, no ano seguinte, seria endossada pelo estadunidense Richard Morse, o estímulo do trabalho mental para a captura do espírito moderno, em uma esfera nebulosa. É possível perceber que a proposta não era destinada a todos, e ele próprio aponta não ser para os ‘pobres de espírito’, o que dirá aos pobres de condição financeira. A peça mostrava-se demasiado complicada para a compreensão do público, e arriscava trazer à cidade de ares provincianos uma tragédia burguesa sobre a homossexualidade<sup>24</sup>. Além disso, explica as tendências que nortearam a produção da peça: o surrealismo e o impressionismo. Assim sendo, não é difícil perceber que a peça encontrou resistência entre o público, e o espetáculo que teria interpretação de Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva, Eglê Malheiros, Lory Ballod, Wânio J. Mattos, Jason César e Leny F. e Silva, com música de Debussy, De Falla e Stravinsky, não veio a público, apesar do entusiasmo e esmero com que foi organizada.

Entre os anos de 1948 e o início de 1950, muitas notícias sobre teatro vieram a público nos dois primeiros anos da revista, com reportagens sobre a “Educação do público” para o teatro, e notícias sobre festivais de teatro ao redor do mundo, como na Polônia.<sup>25</sup> Algumas peças teatrais escritas por Ody Fraga e Silva também foram publicadas na revista, muitas em formato inédito. Em organização de apenas um ato, podemos inferir que muitas delas inscreveram-se em uma perspectiva reflexiva, como a que o teatro moderno se propunha. Cabe o destaque, no número 3, a uma manchete que merece atenção e, pelo contexto em que se encontrava Florianópolis, pode revelar-se surpreendente: “Sartre representado em Florianópolis”. Com o intuito de organizar o quarto número, promove-se a segunda récita do Teatro de Câmera do CAM, reprisando Pirandello e G. B. Shaw, porém agora, trazendo, pela primeira vez, Jean-Paul Sartre ao Brasil nos palcos, com a peça “As estátuas volantes”, uma

22 “Auto retrato de Roger Martin du Gard”, por Pierre Descaves, em *Sul*, ano I, número II, Florianópolis, fevereiro de 1948. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

23 SILVA, Ody Fraga e., *op. cit.*, p. 10.

24 No original apresenta-se o termo “homossexualismo”, que hoje é sabido não ser o mais apropriado, entretanto, era, até recentemente, o vocábulo mais corrente. Anuncia-se como “O drama de um homem que possuía um amor inconfessável”.

25 “O festival shakespeariano na Polônia”, *Sul*, Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, ano I, número 2, p.4-5. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.



adaptação do conto “O Quarto”, também do filósofo francês, feita, uma vez mais, por Ody Fraga<sup>26</sup>. Depois de mais de um ano de atividades, Teatro de Câmera consolida-se como Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna, em 1949, com diretoria constituída e objetivos definidos, como congregar os jovens a estudar, discutir e encenar os principais nomes das letras no teatro<sup>27</sup>. Ody Fraga e Silva escreve, em fevereiro de 1949, sobre o Teatro Experimental na revista *Sul*, onde explica brevemente algumas das propostas trazidas pelo TECAM, como ser um Teatro Renovador, da juventude – leia-se aqui juventude no sentido de ideias jovens, portanto, modernas – um Teatro de Debates e um Teatro Infantil<sup>28</sup>. No mesmo número, ainda há uma nota mencionando as eleições e os membros fixos do Teatro. No número seguinte, ano II, número 8, aparece a primeira produção do TECAM, a peça *Cândida*, também de G. B. Shaw, que é um sucesso, aclamada pelo público e, inclusive, noticiada por Jorge Lacerda, jornalista do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, que manda para a então capital uma matéria elogiando a produção e adaptação da peça<sup>29</sup>. Ody F. continua publicando pequenas peças teatrais na revista, que mantém diversas colunas sobre as produções teatrais no Brasil, feitas por grandes companhias.

Em dezembro de 1949, Salim Miguel escreve o texto “Notícias das temporadas teatrais em Florianópolis”, onde enfatiza a importância do TECAM e sua iniciativa inovadora na cidade donde as grandes companhias teatrais fugiam<sup>30</sup>. Já eram prevenidas para não passar por Florianópolis, e o Teatro Experimental veio empenhar-se para transformar tal situação. Após deter-se no panorama anual do teatro na Ilha, por onde, depois de muito tempo, passaram diversas companhias teatrais (algumas de caráter duvidoso, outras trazendo experiências positivas), S. M. pontua a censura de *A prostituta respeitosa*, de Sartre, que seria encenada pela companhia de Sandro e Maria Della Costa. A proibição causou descontentamento nos modernistas do Grupo Sul, uma vez que não houve qualquer impedimento no Rio de Janeiro. Florianópolis demonstrava então que, apesar da modernidade que se propôs o TECAM, este ainda estava em uma cidade marcada pelo conservadorismo,

---

26 Em Grupo Sul. O modernismo em Santa Catarina, no capítulo intitulado O Grupo Sul e o teatro, Lina Leal Sabino comenta das apresentações do grupo de teatro, algumas delas feitas com a intenção de financiar números posteriores da publicação.

27 SABINO, 1981, *op. cit.*, p. 40.

28 “Teatro Experimental”, por Ody Fraga e Silva, publicado em *Sul*, ano II, número 7, Florianópolis, fevereiro de 1949. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.

29 SABINO, 1981, *op. cit.*, p. 47.

30 “Notícias das temporadas teatrais em Florianópolis”, por Salim Miguel, em *Sul*, ano II, número 10, Florianópolis, dezembro de 1949. Disponível em: <[www.portalcatarina.ufsc.br](http://www.portalcatarina.ufsc.br)>. Acesso em: 10 jun. 2016.



cidade esta que se viu escandalizada quando mulheres subiram aos palcos de teatro<sup>31</sup>. O ano de 1949 encerrou-se com a encenação da peça *Pinóchio*, direcionada as crianças, no dia 23 de dezembro de 1949.

O ano de 1949 foi especialmente profícuo para o debate das letras e das artes, onde diversas personalidades estiveram em visita à cidade, como Marques Rebelo, Jorge Lacerda, Renato Almeida, Bruno Giorgi, Edino Krieger e Pascoal Carlos Magno. Foi um ano excepcional para o Teatro do Grupo *Sul* que, sob a liderança de Ody Fraga e Silva, conseguiu trazer o teatro para a cidade e afirmá-la enquanto centro promotor de debates artístico-culturais. A partir de 1950, o TECAM, se vê sem o seu principal líder, Ody Fraga e Silva, que encontra melhores oportunidades no Rio de Janeiro e resolve por lá permanecer. Com a considerável baixa, do integrante que publicou periodicamente na revista peças teatrais e ensaios sobre a produção do antigo Teatro de Câmera e do Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna, o grupo viveu momentos de altos e baixos. Desativado por um período considerável, tentou retornar a atividade em 1952, sem obter os resultados desejados, e mantém-se inativo até o ano de 1957, quando se funde a outra companhia teatral, o Teatro Catarinense de Comédia, já quando o Grupo *Sul* vivia o seu ocaso. A discussão sobre o teatro nas páginas da revista vai então rareando, conforme o grupo se dissolvia, a partir de 1950.

### **Considerações finais**

O Teatro de Câmera do Círculo de Arte Moderna surgiu anteriormente à publicação do periódico *Sul* e viveu um período de grande e intensa produção, atingindo seu objetivo de ‘arejar’ o cenário teatral da cidade, trazendo perspectivas ousadas e inovadoras a uma cidade que as companhias teatrais evitavam comparecer. Como Teatro de Câmera ou como Teatro Experimental, vivenciou entre os anos de 1947 e 1949, uma profícua discussão e veiculou na revista do CAM os ‘valores novos’ do teatro, e ensejou uma ponte intelectual entre Florianópolis e os principais eventos no Brasil e no mundo. Com o afastamento do seu principal idealizador, Ody Fraga e Silva, o grupo experimentou uma queda no cenário teatral da cidade, também estimulado pelo paladar conservador que ainda encontrava voz em Florianópolis. Assim sendo, as colunas teatrais passaram de uma das constantes nos primeiros

---

31 SABINO, 1985, *op. cit.*, p. 21.



anos de publicação, para ensaios pontuais conforme a revista caminhava para o seu final, no ano de 1957.

Apesar do curto período de “sucesso”, o TECAM foi pioneiro no estado de Santa Catarina no sentido de trazer para os palcos a reflexão e o pensamento, distanciando-se do entretenimento improfícuo e promovendo o debate sobre o modernismo nos palcos de Santa Catarina, abordando temas ousados como a homossexualidade, o existencialismo de Sartre e a escravidão da moral e das convenções.

## Referências

CORREA, Sílvio M. de S.; PAULA, Simoni Mendes de. *Nossa África*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

De LUCA, Tânia Regina. História dos, nos, e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia. Cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, n° 53, 2007, p. 297-322.

MACEDO, Tânia. A revista *Sul* e o diálogo literário entre Brasil e Angola. In: \_\_\_\_\_. *Angola e Brasil*. Estudos Comparados. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Florianópolis: Edição da Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958.

MIGUEL, Salim. *Cartas d'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul*. O modernismo em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

\_\_\_\_\_. O Grupo Sul na literatura catarinense. *Travessia*, v. 4, n. 10, p. 15-24, Florianópolis, 1985.

SOARES, Iaponan (org.). *Salim Miguel*. Literatura e coerência. Florianópolis: Lunardelli, 1991.

SILVA, Héverton M. da. Modernismo e história da literatura na década de 1950 em Santa Catarina. *Santa Catarina em História*, Florianópolis, vol. 1, n° 2, 2007, p. 37-44.

SILVA, Osmar. *Coquetel de crônicas*. Florianópolis: Ed. do autor, 1962.

SUL. Revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, 1948-1957, vol. 1-30.



Recebido em 13 de junho de 2016

Aceito para a publicação em 27 de janeiro de 2017

